

PROCESSO CIENTÍFICO: A FORMAÇÃO DO PESQUISADOR EM ADMINISTRAÇÃO

SCIENTIFIC PROCESS: THE RESEARCHER FORMATION IN ADMINISTRATION

André Luís Janzkovski Cardoso

Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT Campus Universitário de Rondonópolis

Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC PR

Rondonópolis, MT, Brasil

E-mail: cardoso9778@gmail.com

RESUMO

Objetiva-se discutir o processo científico e a formação do pesquisador na administração como uma oportunidade de desenvolvimento teórico e prático. A partir das contribuições de autores clássicos que versam sobre questões de cientificidade, desenvolvimento científico, coerência epistemológica, rigor metodológico, postura científica, critérios de avaliação e de um levantamento de 25 estudos sobre qualidade das pesquisas em várias áreas da administração, é proposta uma alteração na formação do pesquisador a partir da graduação centrando-a como elemento chave para desenvolver um processo científico criterioso que envolva os diversos atores sociais, sejam alunos, professores, pesquisadores e praticantes nas organizações.

Palavras-Chave: Processo Científico. Formação do Pesquisador. Academia. Organizações. Proposta de Modelo.

ABSTRACT

The objective is to discuss the scientific process and the formation of the researcher as an opportunity for theoretical and practical development of administration. Based on contributions of classical authors that deal with issues of scientific development, epistemological coherence, methodological rigor, scientific approach, evaluation criteria and a survey of 25 studies on the quality of research in various areas of management, a change is proposed in the formation of the researcher starting at graduation and centering it as a key element to develop a careful scientific process involving various social actors, as students, teachers, researchers and practitioners in organizations.

Keywords: *Scientific Process, Researcher Formation, Academy, Organizations, Proposed Model..*

Data de submissão: 6 de novembro de 2014.

Data de aprovação: 29 de dezembro de 2014.

INTRODUÇÃO

Uma discussão que tem sido constante entre filósofos, estudiosos e pesquisadores é sobre a cientificidade da administração. Uns indicam que a administração é uma técnica, outros que é uma prática e alguns afirmam que administração é sim uma ciência, mais precisamente uma ciência social aplicada. Porém, o questionamento de ser ou não uma ciência, implicitamente, envolve posicionamentos, por vezes, antagônicos. Dependendo dos critérios pelos quais a administração como disciplina é comparada com outras ciências, sejam as naturais ou as sociais, dificulta uma análise holística entre um possível *continuum* entre cientificidade, não cientificidade e o relativo estágio científico da mesma.

Este artigo sugere que a discussão sobre a cientificidade de uma disciplina, talvez, não seja o aspecto fundamental nem o mais fecundo. Um olhar mais abrangente sobre o processo científico na produção do conhecimento, incluindo pressupostos ontológicos, epistemológicos e metodológicos, pode oportunizar diálogos entre diferentes visões e contribuir para um entendimento compartilhado sobre a área do saber em administração. Reflexões quanto às contribuições teóricas e práticas e como se dá o compartilhamento do conhecimento podem contribuir para um processo revisional dos estudos em administração em termos de coerência, rigor, relevância e aplicabilidade, assim como para indicar um possível estágio da cientificidade da administração.

Este artigo procura discutir questões como: (i) quais são os critérios de avaliação da qualidade das pesquisas acadêmicas em administração? (ii) o que torna os estudos em administração contribuições para a construção de uma disciplina científica? (iii) como as pesquisas em administração têm colaborado para o desenvolvimento científico da academia? e (iv) como as pesquisas têm colaborado para o desenvolvimento das organizações?

Para concretizar esta discussão são apresentados aspectos relacionados ao objeto de estudo e os interesses dos pesquisadores em administração, incluindo a contribuição teórica e da busca de solução de problemas da prática.

A análise da produção científica em administração, desde os trabalhos de Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (1990), Bertero e Keinert (1994) e Vergara e Carvalho (1995), busca avaliar a qualidade das publicações brasileiras nas diversas áreas da administração. Este artigo traz um levantamento de 25 estudos sobre a qualidade dos trabalhos em administração, e cuja síntese procura identificar as principais fraquezas e as inconsistências observadas pelos pesquisadores, além das influências recebidas por cada uma das áreas de conhecimento da administração. Discute-se a necessidade de alinhamento entre pesquisadores e avaliadores quanto aos critérios de avaliação da produção acadêmica que prezem pela qualidade, consistência, coerência e relevância de contribuições teóricas e práticas.

Sugere-se também uma alteração no processo de ensino em administração buscando preparar o aluno, desde a sua formação na graduação, para pensar, refletir, questionar, criticar participando de grupos de pesquisa constituídos por acadêmicos e praticantes da administração como uma forma de contribuir ao desenvolvimento científico da área. Entende-se que a participação de alunos de graduação em grupos de pesquisa ajuda a aumentar a maturidade e a experiência com a pesquisa científica, e ao longo do tempo, pode propiciar a estes alunos se tornarem futuros pesquisadores.

Finalmente, após apresentar as reflexões e discussões, defende-se um olhar profundo e abrangente para o processo científico em administração. A partir dos interesses ontológicos, dos pressupostos epistemológicos, e do rigor metodológico, a postura do pesquisador na produção do conhecimento, à luz das teorias oriundas de diversas disciplinas, torna-se a real oportunidade para o desenvolvimento do campo do saber em administração, da academia e das organizações, conforme delineado no decorrer deste artigo.

QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

Para alicerçar as reflexões deste estudo são apresentadas contribuições de filósofos, estudiosos e pesquisadores sobre questões de cientificidade e conceitos relevantes para compreender o vocabulário e pressupostos essenciais à prática científica.

Desenvolvimento científico

Kuhn (2006, p. 21) indica que historiadores têm encontrado dificuldades em responder como o desenvolvimento científico ocorre e indica que “[...] talvez a ciência não se desenvolva pela acumulação de descobertas e invenções individuais”. O autor procura descrever os processos e eventos que influenciariam no desenvolvimento científico apresentando conceitos de paradigmas, quebra-cabeças, anomalias, crises, revoluções científicas, além de classificar os períodos científicos em ciência normal e extraordinária.

Como ciência normal o autor conceitua o período posterior à definição de um paradigma em que os estudos científicos buscam a solução de quebra-cabeças identificados como problemas a serem pesquisados de acordo com o paradigma vigente, suas regras e instrumentos. Segundo Kuhn (2006), a ciência normal consiste na ampliação do conhecimento daqueles fatos que o paradigma apresenta como particularmente relevantes, no aumento da correlação entre tais fatos e as predições do paradigma e na articulação ainda mais do próprio paradigma. Porém, de acordo com Kuhn (2006, p. 77), “falta aqui um produto comum do empreendimento científico [...] fenômenos novos e insuspeitos são periodicamente descobertos pela pesquisa científica”.

Neste sentido, no processo de novas descobertas, Kuhn (2006) conceitua o período de ciência extraordinária como sendo o momento entre a deflagração de uma crise paradigmática e a consequente definição de um novo paradigma. Durante este período há uma competição entre paradigmas que buscam ser considerado o paradigma aceito pela ciência em substituição ao anterior. A descoberta começa com a consciência da anomalia, pelo reconhecimento de que, de alguma maneira, a natureza violou as expectativas paradigmáticas da ciência normal. Este período, da crise à determinação de um novo paradigma, é caracterizado por disputas entre teorias especulativas, redução gradativa do uso das práticas e estudos realizados no paradigma anterior, re-priorização dos problemas de interesse da pesquisa, além do abandono dos manuais, livros, bibliografias produzidos durante o paradigma anterior.

Kuhn (2006) define como revoluções científicas os episódios de desenvolvimento não-cumulativo, nos quais um paradigma mais antigo é total ou parcialmente substituído por outro, incompatível com o anterior. Segundo Kuhn (2006, p. 116), a transição de um paradigma para um novo “está longe de ser um processo cumulativo [...] é antes uma reconstrução da área de estudos [...] que altera algumas das generalizações teóricas mais elementares do paradigma, bem como muito dos seus métodos e aplicações”.

Popper (1979) indica que, a ausência do pensamento crítico por meio da aceitação dogmática de uma teoria faz surgir o cientista aplicado em busca da solução de enigmas e cujo êxito consiste em tão-só em mostrar que a teoria dominante (paradigma de Kuhn) pode ser apropriadamente aplicada à solução de problemas de rotina. Porém, o próprio Popper (1979) menciona que, apesar de acreditar que a ciência é essencialmente crítica, consistindo de conjecturas audazes e por sua vez revolucionária há a necessidade de algum dogmatismo. Segundo o autor “o cientista dogmático tem um papel importante para representar. Se nos sujeitarmos à crítica com demasiada facilidade, nunca descobriremos onde está a verdadeira força das nossas teorias” (POPPER, 1979, p. 68). Para o autor, apesar de que um pesquisador pode se tornar prisioneiro dos referenciais de suas teorias, seria possível sair deste referencial a qualquer momento, pois sempre será possível uma discussão crítica e a comparação entre vários referenciais o que se opõem à incomensurabilidade paradigmática indicada por Kuhn, como a impossibilidade da coexistência de dois ou mais paradigmas. Popper (1979) indica ainda que, o conhecimento científico pode ser considerado como destituído de objeto, pois a meta é descobrir teorias que, à luz do racionalismo crítico, cheguem mais perto da verdade.

Em contrapartida, indica Kuhn (1979) que, Popper haveria caracterizado toda a atividade científica em termos que só se aplicam ao período revolucionário. Para o autor, em alguns casos a substituição de teorias não acontece, necessariamente, apenas após terem sido testadas. Segundo Kuhn (1979, p. 16), “os testes não são imprescindíveis às revoluções através das quais progride a ciência [...] com ou sem testes, uma tradição de solução-de-enigmas pode preparar o caminho para a própria substituição da teoria”. Outro contraponto ao que descreve Popper sobre o falseamento, Kuhn (1979) indica que, todas as teorias podem ser modificadas por uma variedade de ajustes *ad hoc* sem por isso deixarem de ser a mesma teoria e que é por meio do processo de contestação-ajustamento que se desenvolve o conhecimento científico. Segundo Popper (1979), para ser científica, a teoria precisa ser falseável apenas por um enunciado de observação e não pela observação real.

Reforça Kuhn (1979, p. 27) que a postura do cientista de ser tal qual que:

Defrontando-se com o inesperado, ele deve sempre fazer novas pesquisas a fim de articular melhor a sua teoria na área que acaba de tornar-se problemática. Poderá então rejeitá-la em favor de outra e por uma boa razão. Mas critérios exclusivamente lógicos não podem ditar sozinha a conclusão que ele deve obter.

Kuhn (2006) indica ainda que, com o passar do tempo, as teorias científicas tomadas em grupos tornam-se mais e mais articuladas e que se equiparam à natureza em um número maior de pontos e com maior precisão. Indica também que uma comunidade científica, raramente ou nunca, adotará uma nova teoria a não ser que resolva todos ou quase todos os problemas que a teoria anterior explicava e proporcione novos quebra-cabeças para os cientistas pesquisarem. Finalmente, propõe o autor que o progresso científico seja explicado por razões psicológicas ou sociológicas, indicando que:

Já devia estar claro que a explicação, na análise final, precisa ser psicológica ou sociológica. Isto é, precisa ser a descrição de um sistema de valores, uma ideologia, juntamente com uma análise das instituições através das quais o sistema é transmitido e imposto. Sabendo a que cientistas dão valor, podemos esperar compreender os problemas pelos quais se responsabilizarão e as escolhas que farão em determinadas circunstâncias de conflito (KUHN, 1979, p. 29).

Kuhn (1979) destaca que para um cientista, a solução de um difícil enigma conceitual ou instrumental representa uma meta principal e o êxito será recompensado pelo reconhecimento de membros de um grupo que compartilham dos mesmos valores (razão psicológica). Por outro lado, os valores desse grupo são também significativos quando for preciso escolher entre teorias. A simplicidade, a precisão e a compatibilidade com as teorias utilizadas em outras especialidades são valores expressos para os cientistas, mas nem todas ditam a mesma escolha nem serão aplicadas da mesma maneira. A unanimidade do grupo (razão sociológica) torna-se um valor soberano, levando o grupo a minimizar as ocasiões de conflito e a congregar-se em torno do mesmo conjunto de regras para a solução de enigmas.

Conclui Kuhn (1979) que, não devemos compreender o progresso da ciência sem compreender toda a força de imperativos retoricamente induzidos e profissionalmente partilhados o que talvez explicasse resultados de escolhas que não poderiam ter sido ditas só pela lógica e pela experiência.

Lakatos (1979) analisa os conceitos e proposições formuladas por Popper e Kuhn e indica pontos favoráveis e desfavoráveis de cada autor. A principal crítica do autor a Popper está relacionada ao falseacionismo ingênuo, na exclusão imediata de uma teoria que fosse falseada e no processo de conjectura e refutações não se preocupar com o aumento do poder de explicação. O conceito de falseacionismo sofisticado suplanta parte destas limitações, mas Lakatos preconiza que além da postura crítica e racional há a necessidade da busca pela ampliação teórica dos fatos para contribuir na construção do empreendimento científico.

Sobre as ideias de Kuhn, Lakatos (1979) não compartilha da proposição de desenvolvimento científico não lógico nem racional, da prática única e exclusiva de ciência normal após a sucessão paradigmática, além da impossibilidade de coexistência de mais de um paradigma. O autor concorda com Kuhn quanto ao progresso científico estar amparado pelo grau de transferência de problemas que conduz a fatos novos superando o conteúdo explicativo anterior e que a substituição de uma teoria só acontece em virtude do surgimento de uma mais robusta.

Lakatos denominou de programas de pesquisa uma estrutura que orienta a pesquisa utilizando-se de um processo constituído de uma heurística negativa e uma positiva em torno de um núcleo de pesquisa considerado irreduzível e infalsificável por uma decisão metodológica de seus defensores (CHALMERS, 1993). O núcleo do programa assume a forma de uma concepção teórica geral que constitui a base a partir

da qual o programa deve se desenvolver. O núcleo do programa possui ao seu redor um cinturão protetor constituído de hipóteses auxiliares explícitas que suplementam o núcleo e suposições subjacentes à descrição das condições iniciais e proposições de observação. Se por um lado, a heurística negativa busca proteger o núcleo do programa e resolver as anomalias identificadas, a heurística positiva, por outro lado, indica como o programa deve se desenvolver e busca a modificação do cinturão protetor por meio do falseamento das hipóteses auxiliares. Um paralelo entre os conceitos de Popper e Kuhn sugere uma aproximação entre o falseacionismo sofisticado e a heurística positiva, do conceito de ciência normal à heurística negativa, assim como há similaridades entre os conceitos de paradigma de Kuhn e de programa de pesquisa de Lakatos.

Lakatos (1979) propõe um critério de demarcação das ciências em maduras e imaturas. Segundo o autor, ciência madura consiste de programas de pesquisas que antecipam fatos novos e teorias auxiliares (possuem força heurística). Já a ciência imatura seria constituída de um remendado teórico com padrão de ensaio-erro em que a prática do falseamento não conseguiria a ampliação da capacidade explicativa dos fatos. Um programa de pesquisa pode ser progressivo ou degenerativo dependendo do estágio de sucesso ou fracasso na descoberta de novos fenômenos. Na fase progressiva de um programa o principal estímulo provém, principalmente, por meio da heurística positiva. Com o surgimento de anomalias e inconsistências cada vez mais estéreis e o uso frequente de hipóteses *ad hoc*, começa a fase degenerativa de um programa de pesquisa.

Para Lakatos (1979) a racionalidade instantânea é utópica e experiências cruciais, que suportariam a substituição de um programa de pesquisa por outro superior, não são instantaneamente reconhecidas. Por isso, defende a tolerância metodológica a um novo e ainda não bem estruturado programa de pesquisa, assim como a um programa de pesquisa que se apresente em processo degenerativo.

Neste ponto, faz-se necessária uma reflexão sobre a coerência epistemológica e a importância do rigor metodológico na produção do conhecimento científico.

Coerência epistemológica e o rigor metodológico na produção científica

Segundo Japiassu (1981), entende-se por epistemologia a disciplina que se interessa em elaborar uma reflexão crítica que permite descobrir e analisar os problemas tais como eles se colocam ou se omitem, são resolvidos ou desaparecem. É submeter a prática científica a uma reflexão que, diferentemente da filosofia clássica da ciência, aplica-se, não à ciência feita, acabada, verdadeira, de que dever-se-ia estabelecer as condições de possibilidade e de coerência e fornecer o título de legitimidade, mas às ciências em vias de se fazerem, em seu desenvolvimento histórico, sua processualidade.

Para Japiassu (1981) existem classificações entre as diferentes ciências. Essas classificações são “necessárias” epistemologicamente para tentar identificar relações e diferenças entre as disciplinas científicas. As ciências podem ser divididas em ciências formais, naturais e sociais. O estatuto epistemológico de cada ciência procura delinear como se dá a produção do conhecimento, sua origem, estrutura, relevância e veracidade. O pensamento epistemológico é controverso e a epistemologia não deve ser compreendida como substantiva. Existem tipos de epistemologias que se diferenciam não só pelo objeto que estudam (pressupostos ontológicos), mas por vários fatores como o modo de abordagem, o contexto do objeto e do

observador, as especificidades do objeto, assim como pelo paradigma adotado pelo pesquisador. As abordagens epistemológicas são transformadas de acordo com o objeto, o observador e o contexto, surgindo modelos epistemológicos como a epistemologia genética de Piaget, a epistemologia histórica de Bachelard ou a epistemologia racionalista crítica de Popper.

Segundo Morgan e Smircich (1980), debates sobre métodos de pesquisa nas ciências sociais estão ligados às suposições sobre a ontologia, epistemologia e natureza humana. A ciência social contemporânea é dominada por compromissos com os métodos de investigação quase como fins em si mesmos, resultando em modos abstraídos do empirismo com base em métodos quantitativos e qualitativos. Para os autores a dicotomia entre métodos quantitativos e qualitativos é um debate simplista e desnecessário e sugerem que as principais razões que fundamentam os argumentos em favor de diferentes métodos devam ser baseadas em conjuntos inter-relacionados de hipóteses sobre a natureza humana, sua ontologia e sua epistemologia.

Considerando os paradigmas interpretativo e funcionalista (MORGAN, 2007) caracterizados por pressupostos subjetivos e objetivos, respectivamente, debates sobre a ontologia e a natureza humana definem diferentes posições epistemológicas e metodológicas (MORGAN; SMIRCICH, 1980). O esquema da Figura 1 fornece uma maneira simples, porém útil, sobre a coerência das decisões que devem fundamentar as pesquisas no âmbito das ciências sociais. Há uma escala contínua entre as visões objetiva e subjetiva.

Figura 1: Pressupostos ontológicos e coerência epistemológica e metodológica

	Visão Subjetiva da ciência social			Visão Objetiva da ciência social		
Premisas Ontológicas	realidade como projeção do imaginário humano	realidade como construção social	realidade como um discurso simbólico real	realidade como um campo contextual de informação	realidade como um processo concreto	realidade como uma estrutura concreta
Premisas Natureza Humana	homem como espírito puro, ser humano consciente	homem como construtor social, criador de símbolos	homem como ator, usuário de símbolos	homem como processador de informação	homem como adaptador	homem como um respondedor
Postura Epistemológica	obter insights fenomenológicos, revelação	entender como a realidade social é construída	entender padrão de discursos simbólicos	mapear o contexto	estudar sistemas, processos, mudanças	construir uma ciência positivista
Metáfora	transcendental	linguagem, jogos, realização, texto	teatro, cultura	cibernética	organismo	máquina
Método de Pesquisa	exploração da subjetividade pura (fenomenologia)	hermenêutica	análise de símbolos	análise do contextual da forma (gestalten)	análise histórica	experimentos laboratoriais, questionários

Fonte: Morgan e Smircich (1980), adaptado pelo autor.

De um lado, a visão positivista é fundada pela objetividade do conhecimento na busca por especificar em leis as regularidades e relações entre os fenômenos dos fatos sociais, e que dá ênfase à análise empírica de relações concretas. Por outro lado, a perspectiva de uma visão subjetiva da realidade como uma projeção da imaginação individual, põe em suspenso os fundamentos positivistas do conhecimento, em favor de uma epistemologia que enfatiza a importância de compreender o processo pelo qual os seres humanos concretizam sua relação com o mundo.

O terreno para o conhecimento em cada uma dessas perspectivas é diferente porque as concepções fundamentais da realidade social a que os defensores de cada posição se inserem são polos opostos (MORGAN; SMIRCICH, 1980). As metáforas que os teóricos escolhem como base para uma teorização detalhada, geralmente derivam, mesmo que de forma implícita, de pressupostos fundados pela ontologia e pela natureza humana. Ao escolher uma metáfora, eles implicitamente se comprometem com uma posição epistemológica enfatizando determinados tipos e formas de conhecimento.

Segundo Silva et al. (2006), a definição dos procedimentos metodológicos é iniciada no planejamento do estudo e permeia toda a execução da pesquisa, mas sempre respeitando o quadro teórico, a base epistemológica e o problema de pesquisa. O desenvolvimento da administração, como outras disciplinas das ciências sociais, seria mais bem servido se os pesquisadores fossem mais explícitos sobre a natureza das crenças que eles trazem para o seu estudo (MORGAN; SMIRCICH, 1980). Segundo os autores, boa parte dos debates e críticas sobre metodologia envolve pesquisas que falham em comunicar os diferentes pressupostos básicos sobre aquele assunto.

Da mesma forma, Bronowski (1980) indica que, a verdade na ciência faz-se pela ordenação dos fatos, condensam-se leis à volta dos conceitos, obtém-se a coerência, sua força intelectual e imaginativa. A ciência é uma atividade verdadeira, e quer se olhe para os fatos, coisas ou conceitos, não se pode dissociar a verdade do significado.

Conforme indica Fourez (1995) onde o positivista diria: “o mundo é assim”, as tradições *popperianas* tenderão a dizer simplesmente: “Nesta situação, parece-nos mais interessante representar o mundo desta maneira”. Segundo o autor, não se cai no relativismo, mas torna-se possível perceber que há lugar para “uma variedade de verdades, em vez de uma só, tão facilmente totalitária na medida em que se quer impô-la a todos e em qualquer circunstância” (FOUREZ, 1995, p.87).

Para Bachelard (1996) o epistemólogo deve tomar os fatos como se fossem ideias, inserindo-as num sistema de pensamento, porém a prática científica deve começar por uma catarse intelectual e afetiva colocando a cultura científica em estado de mobilização permanente, substituindo o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico, dialetizando as variáveis, oferecendo enfim à razão razões para evoluir. Porém, há de se ter respeito aos padrões e rigor metodológico para frutificar o campo científico. A postura do cientista durante todas as etapas de sua investigação deve ser tal que o rigor metodológico aliado aos atributos de qualidade e ética permeie e faça parte de todo o seu trabalho científico.

Os critérios de qualidade em pesquisa é um dos temas de maior polêmica entre pesquisadores. O embate está no uso ou não dos critérios oriundos das ciências naturais, do uso da matemática, da estatística e dos métodos quantitativos, tais quais, validades de constructo, interna, externa e a confiabilidade. Identificar quais os critérios de qualidade devem ser utilizados em cada estudo dependerá da abordagem utilizada, porém a coerência epistemológica e os requisitos de rigor metodológico devem estar presentes em todas as pesquisas científicas.

A verificação dos critérios de qualidade da pesquisa passa pela capacidade de comunicação e pelo uso de uma linguagem científica. A lógica da linguagem científica é suplantar as “ambiguidades” e não cair em contradição desde a formulação do problema de pesquisa, na descrição do método, nas análises e na discussão dos resultados. No próximo tópico são delineados aspectos sobre a postura científica, ética e sua importância na produção e no compartilhamento do conhecimento.

Postura científica

Bronowski (1980) apresenta a ideia de princípios e valores compartilhados por uma determinada comunidade científica. Existe um princípio que, como um elo, liga a sociedade, e sem ele o indivíduo estaria impossibilitado de distinguir o verdadeiro do falso: o princípio da autenticidade traz consigo a obrigação de

dizer a verdade de tal modo que aquilo que é verdadeiro possa ser verificado como verdadeiro. Para o autor os conceitos de valor são profundos e complexos, exatamente porque procuram ao mesmo tempo agrupar os homens em sociedades e garantir-lhes uma liberdade que os torne homens singulares.

Os valores da ciência não derivam nem das virtudes dos seus membros, nem dos códigos de conduta, vigilantes, através dos quais todas as profissões se mantêm na linha. Desenvolvem-se da prática da ciência, porquanto são condições inevitáveis da sua prática. A verdade é o estímulo no centro da ciência; tem de ter o hábito da verdade, não como dogma, mas como processo.

Para Bronowski (1980) as palavras independência, originalidade, dissidência ou discordância e liberdade definem o progresso da ciência e o ponto fundamental do problema ético é fundir as necessidades particulares e públicas. A sociedade dos cientistas possui o objetivo de explorar a verdade. No entanto, tem de resolver o problema de encontrar um compromisso entre o homem e os homens. Deve encorajar o cientista individual a ser independente e o corpo de cientistas a ser tolerante. Não existem regras técnicas para o êxito das ciências, em vez disso verifica-se que as condições para a prática da ciência são de outro tipo absolutamente inesperado. A sociedade de cientistas deve ser uma democracia em que se mantém viva e crescente uma tensão constante entre dissidências e o respeito, entre a independência das opiniões dos outros e a tolerância para com elas.

Japiassu (1981, p. 124) compartilha desse entendimento e indica que a “ciência está fundada na ética do conhecimento, cujo critério essencial não é o homem, mas o próprio conhecimento objetivo. É esta ética que faz progredir a ciência, descartando o homem enquanto sujeito e objeto do conhecimento”.

Comenta Bachelard (1996, p. 17) que:

Diante do real, aquilo que se crê saber com clareza ofusca o que se deve saber. Quando o espírito se apresenta à cultura científica, nunca é jovem [...] porque tem a idade de seus preconceitos. Aceder à ciência é rejuvenescer espiritualmente, é aceitar uma brusca mutação que contradiz o passado.

Na visão de Bachelard (1996) a opinião deve ser destruída, pois representa o primeiro obstáculo a ser superado. O espírito científico proíbe que se tenha uma opinião sobre questões não compreendidas, é preciso antes de tudo saber formular problemas, pois o conhecimento é resposta a uma pergunta e sem o questionamento não pode haver conhecimento científico.

Outro obstáculo epistemológico indicado pelo autor são os hábitos intelectuais que um dia foram úteis, mas com o tempo podem entrar a pesquisa. O instinto formativo não deve dar lugar ao conservativo, o primeiro funda-se pelas perguntas o segundo se apóia nas respostas.

Segundo Bachelard (1996) um pensamento inquieto desconfia das identidades aparentes e exige sem cessar mais precisão e, por conseguinte, mais ocasiões de distinguir, precisar, retificar e diversificar. A interpretação racional põe os fatos em seu devido lugar e é no eixo experiência-razão que se encontram ao mesmo tempo o risco e o êxito, pois a razão sugere ir além da experiência comum, imediata e sedutora, na busca da experiência científica, indireta e fecunda. A experiência ou observação primeira é sempre um obstáculo inicial para a cultura científica. Deve-se buscar fugir da certeza e do perigo de seguir as generalidades de primeira vista, porque os sistemas homogêneos são mais obstáculos do que estímulo.

Desta forma, um tópico relevante quanto às pesquisas científicas é quanto aos seus critérios de avaliação, que serão discutidos concernentes às publicações em administração.

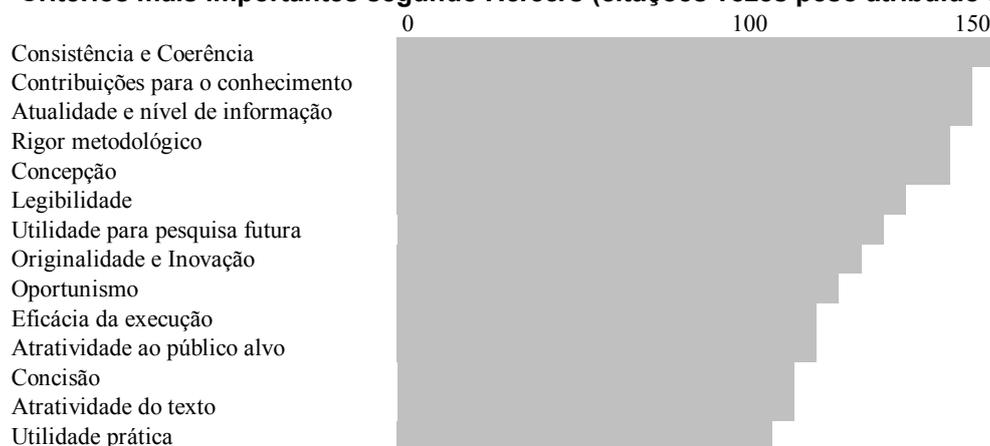
Critérios de avaliação das pesquisas em administração

Segundo Pfeffer (1993), o nível de consenso e desenvolvimento técnico de um paradigma que caracteriza um campo de estudo tem inúmeras consequências para a organização social e funcionamento desse campo. Essas consequências, que vão desde a capacidade de obter recursos à facilidade de trabalhar em colaboração em pesquisa, têm um impacto sobre o desenvolvimento posterior do campo. Embora o grau de certeza ou consenso técnico seja claramente afetado pela natureza fundamental do objeto de estudo, também é produzido por práticas sociais que diferenciam os campos que são mais ou menos paradigmaticamente desenvolvidos. Para o autor, estudos organizacionais são, sem dúvida, paradigmaticamente não bem desenvolvidos, em parte pela ênfase na representatividade, inclusão e diversidade teórica e metodológica, pois a falta de consenso limita a capacidade do campo em alcançar o progresso científico. Dessa forma, o autor sugere a formação de uma rede especializada de pesquisadores e uma unificação da visão para o consequente desenvolvimento do campo, uma visão de ciência normal conceituada por Kuhn (2006) ou de programas de pesquisa apresentado por Lakatos (1979).

Bertero, Caldas e Wood Jr. (1999) indicam que, não se pode confundir uma posição de defesa da pluralidade e diversidade de abordagens com a tolerância por trabalhos de baixa qualidade. Segundo os autores, mesmo que dentro de uma multiplicidade de abordagens e de modelos científicos, é necessário conciliar critérios que busquem aumentar a qualidade, pois é possível produzir bons ou maus trabalhos tanto com referencial neopositivista quanto interpretacionista, em perspectivas científicista ou generalista.

Uma pesquisa realizada por Bertero, Caldas e Wood Jr. (1999) objetivou compreender a avaliação da produção científica em administração no Brasil identificando os critérios de avaliação e o grau de consenso entre os avaliadores. Os resultados indicaram que os critérios mais utilizados eram: (a) consistência/coerência; (b) contribuição para o conhecimento; (c) atualidade e nível de informação; (d) rigor metodológico; e (e) concepção, conforme Figura 2.

Figura 2 - Critérios mais importantes segundo Refeers (citações vezes peso atribuído à citação)



Fonte: Bertero, Caldas e Wood Jr. (1999), adaptado pelo autor

A segunda análise conduzida por Bertero, Caldas e Wood Jr. (1999) foi quanto ao grau de homogeneidade na prescrição de critérios. Os resultados revelaram que, em geral, é baixa a homogeneidade na prescrição de critérios, indicando que não há consenso quanto ao modo de se avaliar a produção científica.

Apenas 8 critérios apresentaram uma homogeneidade na importância acima de 60% entre os pesquisados, os demais 18 critérios ficaram abaixo deste percentual. Dados estão apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 - Homogeneidade na Prescrição de Critérios entre Referee

Classificação	Homogeneidade na		Número	
	importância dos critérios		de critérios	%
> 59%	Alta		8	31%
50 a 59	Média		4	15%
40 a 49	Baixa		8	31%
< 40%	Baixíssima		6	23%
Total			26	100%

Fonte: Bertero, Caldas e Wood Jr. (1999), adaptado pelo autor.

Qualidade das pesquisas em administração

O interesse quanto à produção científica na área de administração foi intensificado a partir de três estudos seminais (MACHADO-DA-SILVA; CUNHA; AMBONI, 1990; BERTERO; KEINERT, 1994; VERGARA; CARVALHO Jr., 1995) que logo foram ampliados por outros trabalhos na busca por avaliar a qualidade da produção científica brasileira nas diversas áreas da administração. Uma síntese desses trabalhos está apresentada no Quadro 1.

Uma das primeiras descobertas é o descasamento entre quantidade e qualidade. Verifica-se um crescimento no número de publicações (MACHADO-DA-SILVA; CUNHA; AMBONI, 1990; HOCAYEN-DA-SILVA; ROSSONI; FERREIRA Jr., 2008; FROEMMING et al., 2000b; HOPPEN; MEIRELLES, 2005; TONELLI et al., 2003; VERGARA; PINTO, 2001), todavia tal crescimento não está associado a uma melhoria da qualidade das publicações (FROEMMING et al., 2000a; 2000b; HOPPEN; MEIRELLES, 2005; MACHADO-DA-SILVA; CUNHA; AMBONI, 1990). As principais críticas quanto à falta de qualidade podem ser indicadas como problemas metodológicos (MACHADO-DA-SILVA; CUNHA; AMBONI, 1990; FROEMMING et al., 2000a; 2000b; TONELLI et al., 2003; HOPPEN et al., 1998; HOPPEN; MEIRELLES, 2005), base epistemológica concentrada no paradigma funcionalista (TONELLI et al., 2003), predominância de estudos qualitativos exploratórios e descritivos (ROSSONI; FERREIRA Jr.; HOCAYEN-DA-SILVA, 2006; FROEMMING et al., 2000a; 2000b; TONELLI et al., 2003; MARIZ et al., 2004), em sua maioria utilizando a estratégia de estudo de caso (HOPPEN; MEIRELLES, 2005; RODRIGUES; CARRIERI, 2001; TONELLI et al., 2003), com exceção às áreas de marketing (VIEIRA, 1998; 2003), finanças (LEAL; OLIVEIRA; SOLURI, 2003) e contabilidade (MENDONÇA NETO et al., 2004), conforme apontam os referidos autores.

A predominância de literatura internacional (MACHADO-DA-SILVA; CUNHA; AMBONI, 1990; CAMARGOS; COUTINHO; AMARAL, 2005; RODRIGUES; CARRIERI, 2001; CALDAS; TONELLI; LACOMBE, 2002; VIEIRA, 1998), especialmente norte-americana (BERTERO; KEINERT, 1994; VERGARA; CARVALHO JR., 1995; VERGARA; PINTO, 2001) e europeia (VERGARA; PINTO, 2001) suplanta em muito as referências nacionais, mesmo que alguns estudos revelem um aumento no número de referências a estudos realizados por pesquisadores nacionais (VERGARA; PINTO, 2001).

Quadro 1 - Estudos sobre produção científica brasileira na área de administração

Data	Área de Estudo	Estudos	Período Analisado	Resultados
2006	Administração da ciência e tecnologia	Rossoni, Ferreira Júnior e Hocayen-da-Silva (2006)	2000-2005	- Predominância de métodos qualitativos e concentração das publicações a 3 estados brasileiros.
2000		Keinert (2000)	1937-1997	- Ampliação paradigmática na área de conhecimento.
2003		Fleury et al. (2003)	1992-2002	- Apenas 10% de publicações envolve professor-aluno.
2003	Administração pública e gestão social	Pacheco (2003)	1995-2002	- Auto-citação, diluição temática e adoção acrítica de teorias de outras disciplinas.
2008		Hocayen-da-silva; Rossoni; Ferreira júnior (2008)	2000-2005	- Maioria de trabalhos teórico-empíricos, aumento das publicações 2000-2004 (redução em 2005) e concentração de 50% das publicações em 5 instituições.
2005	Contabilidade	Cardoso, Mendonça Neto e Sakata (2005)	1990-2003	- Produção concentrada em poucos autores.
2003	Estratégia	Bertero, Vasconcelos e Binder (2003)	1991-2002	- Fragilidade das contribuições práticas.
2003	Finanças	Leal, Oliveira e Soluri (2003)	1974-2001	- Maioria de artigos com 1 autor, 70% de autores com apenas 1 artigo e concentração da produção em 3 instituições.
2005		Camargos, Coutinho e Amaral (2005)	2000-2004	- Predomínio de instituições sulistas nas publicações, uso de dados secundários e literatura internacional.
1998		Vieira (1998)	1990-1998	- A publicação na área não serve como referência para a própria área. Referências de livros ou periódicos internacionais.
1999		Vieira (1999)	1996-1998	- Estudos e pesquisas dos acadêmicos sem a mesma prioridade das ações empresariais na prática.
2000		Froemming et al. (2000a)	1990-1998	- Predominância de estudos exploratórios e descritivos e pouca preocupação metodológica.
2000	Marketing	Froemming et al. (2000b)	1990-1999	- Predominância de estudos exploratórios e descritivos e pouca preocupação metodológica.
2000		Vieira (2000)	1996-1999	- A produção acadêmica brasileira é insuficiente e principiante. Uso de métodos qualitativos e quantitativos com foco na aplicação prática.
2003		Vieira (2003)	1990-1999	- Pesquisadores relegam referências da realidade empírica empresarial brasileira como fontes de pesquisa.
1990		Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (1990)	1985-1989	- Carência de referencial teórico, predominância de citações estrangeiras além de limitações metodológicas.
1994		Bertero e Keinert (1994)	1961-1993	- Predominante de literatura norte-americana, modismos na área e reduzida originalidade da produção nacional.
1995	Organizações	Vergara e Carvalho Jr. (1995)	1989-1993	- Predominância de referências norte-americanas devido à facilidade no acesso eletrônico. Referências nacionais na ordem de 21,7%.
2001		Vergara e Pinto (2001)	1989-1998	- Predominância referências norte-americanas, mas há influência de países como Grã-Bretanha, França e Canadá. Referências nacionais na ordem de 30,9%.
2001		Rodrigues e Carrieri (2001)	1990-1999	- Dificuldade de criação de linhas paradigmáticas e tradição brasileira na área, literatura estrangeira como consenso e tradição. Artigos não revelam detalhada revisão literária.
2002	Recursos Humanos	Caldas, Tonelli e Lacombe (2002)	1990-1999	- Predominância de literatura estrangeira
2003		Tonelli et al. (2003)	1991-2000	- Base epistemológica funcionalista, fragilidade metodológica, estudos exploratórios e descritivos e 65% da produção concentrada em 7 instituições.
1998	Sistema de informação	Hoppen et al. (1998)	1990-1997	- Baixa qualidade metodológica
2005		Hoppen e Meirelles (2005)	1990-2003	- Limitações metodológicas
2004	Teoria das organizações	Mariz et al. (2004)	1999-2002	- Predominância de métodos qualitativos

Fonte: Elaborado pelo autor, 2014.

Estudos indicam ainda haver uma concentração regional da produção acadêmica (ROSSONI; FERREIRA Jr.; HOCAYEN-DA-SILVA, 2006; CARDOSO; MENDONÇA NETO; SAKATA, 2005; LEAL; OLIVEIRA; SOLURI, 2003; CAMARGOS; COUTINHO; AMARAL, 2005; HOCAYEN-DA-SILVA; ROSSONI; FERREIRA Jr., 2008), além de um número elevado de estudos com apenas um autor (LEAL; OLIVEIRA; SOLURI, 2003; CARDOSO; MENDONÇA NETO; SAKATA, 2005) e reduzida coautoria entre professores e alunos (FLEURY et al., 2003).

Adicionalmente, alguns estudos salientam aspectos relacionados às fragilidades do desenvolvimento dos estudos brasileiros na área de administração. Bertero, Vasconcelos e Binder (2003) indicam fragilidade das contribuições práticas no repertório de artigos analisados na área de estratégia. Vieira (1998), analisando artigos de marketing indica que os trabalhos publicados nesta área não servem como referência para a própria área e o mesmo autor indica que os estudos e pesquisas dos acadêmicos de marketing não possuem a mesma prioridade das ações empresariais adotadas na prática (VIEIRA, 1999). Vieira (2003) critica que os pesquisadores da área de marketing relegam as referências da própria realidade empírica empresarial brasileira como fontes de pesquisa.

Na área de organizações, o estudo de Bertero e Keinert (1994) indica a existência de modismos oriundos da literatura internacional e reduzida originalidade na produção nacional. Rodrigues e Carrieri (2001) indicam a dificuldade de criação de linhas paradigmáticas e de uma tradição brasileira na área, reforçando que a literatura estrangeira acaba sendo utilizada como forma de consenso e de tradição pouco questionada e que os artigos nacionais não revelam possuir uma detalhada revisão literária.

Este panorama das pesquisas em administração envolvendo os problemas de falta de qualidade e fragilidades, em parte se explica pela própria origem e pelo desenvolvimento da área da administração. Segundo Bertero, Caldas e Wood Jr. (1999), a administração não se beneficiou de um período de gestação, assim como outras ciências sociais. Não se pode negar que a economia, a psicologia e a sociologia se desenvolveram muito mais enquanto áreas de conhecimento do que a administração. Percebe-se que administradores sempre foram chamados a solucionar problemas organizacionais, sem que houvesse tempo da criação de um espaço teórico e reflexivo. Os autores indicam que, se artigos e trabalhos apresentados em congressos científicos e publicados em revistas especializadas têm em boa medida origem em programas de pós-graduação *stricto sensu*, há indicação de que os conteúdos programáticos, estruturas e critérios de julgamento podem ser fontes para a explicação dos problemas de qualidade e de relevância do que está sendo produzido.

Neste sentido, entende-se como importante a preocupação com o processo de ensino na formação do profissional de administração como uma oportunidade de suplantar os problemas e fragilidades e com isso contribuir para o desenvolvimento científico teórico com possibilidade de aplicação prática nas organizações.

DISCUSSÕES FINAIS

A revisão dos estudos quanto à qualidade das pesquisas na área de administração e os critérios de avaliação de pesquisa são o ponto de partida da discussão final. Os estudos indicaram haver 7 principais problemas e 7 fragilidades. Os problemas estão associados a: (i) descasamento entre quantidade e qualidade; (ii) questões metodológicas; (iii) base epistemológica funcionalista; (iv) predominância de estudos exploratórios e descritivos; (v) predominância de literatura estrangeira; (vi) concentração regional e (vii) reduzida coautoria entre aluno-professor. As fragilidades são: (i) reduzidas contribuições práticas; (ii) trabalhos não se tornam referência para a área; (iii) diferenças de prioridades entre acadêmicos e praticantes; (iv) relegar a realidade empírica brasileira como fonte de pesquisa; (v) dificuldade de criação de linhas paradigmáticas com tradição brasileira; (vi) não revelar detalhada revisão literária e (vii) reduzida originalidade.

Se por um lado, vários destes problemas e fragilidades podem indicar a necessidade de superação para um desenvolvimento científico na área, por outro, a questão da falta de alinhamento quanto aos critérios de avaliação também pode ser tanto causa quanto efeito do estágio atual da pesquisa brasileira em administração.

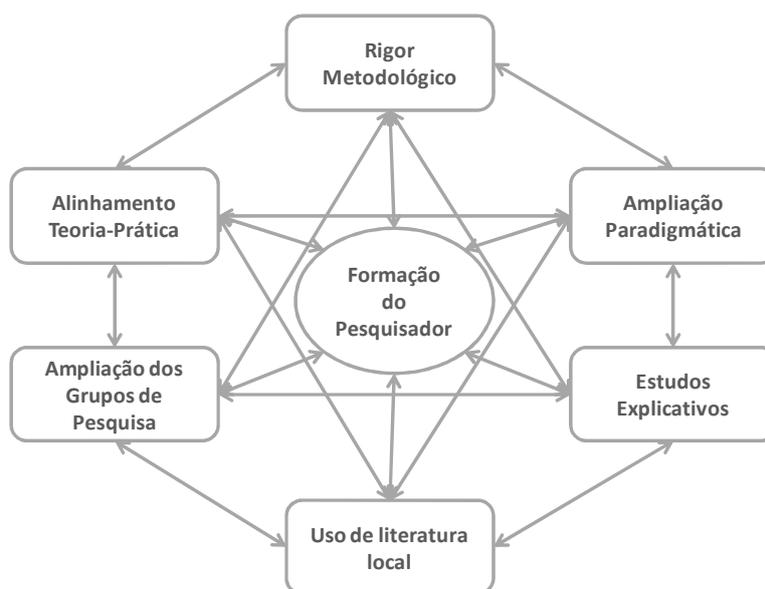
Este artigo reforça a importância da formação do pesquisador como elemento chave para desenvolver um processo científico que possa suplantar os problemas e fragilidades apontados pelos estudos anteriores envolvendo os diversos atores sociais no âmbito da administração, sejam eles, alunos, professores e praticantes.

As visões diversas de profissionais da administração possibilitam o uso de metáforas que podem constituir e captar a natureza da vida organizacional de diferentes maneiras cada uma gerando tipos de *insights* poderosos, distintos, mas essencialmente parciais oferecendo abordagens suplementares e até mesmo complementares para a análise organizacional (MORGAN, 2007). Torna-se fundamental uma aproximação entre a academia e os atuantes na prática de forma a dialogarem construtivamente e se desafiarem a desenvolver estudos teóricos com aplicações práticas em grupos de pesquisas. Isso pode permitir que o cientista da administração conjecture sobre a generalidade da teoria e prática partilhando com os demais atores sociais e envolvendo-os em suas pesquisas não se limitando a questões regionais e sim brasileiras. A ampliação do uso de estudos nacionais e não apenas estrangeiros, principalmente estudos com características explicativas sobre os fenômenos organizacionais, propiciaria o estabelecimento de referências nacionais e estimularia a continuidade de outros estudos.

O processo científico sendo incentivado desde a graduação em administração, formando e despertando futuros pesquisadores que, a partir das diversas áreas do conhecimento, utilizem coerentemente os pressupostos ontológicos, epistemológicos e metodológicos, pode propiciar a ampliação paradigmática para a evolução das discussões teóricas. Moldar uma postura de pesquisador que utilize o rigor metodológico em suas pesquisas, possibilitando a publicação de pesquisas acadêmicas com contribuições teóricas e práticas, pode resultar em elementos que levem ao desenvolvimento da própria academia e das organizações brasileiras e uma resposta para todas as dificuldades elencadas no levantamento sobre a qualidade dos estudos em administração. A criação de programas de pesquisa com incentivo à pesquisa entre alunos e professores, teóricos e praticantes, além de propiciar um avanço na produção acadêmica pode ser

fundamental na formação dos acadêmicos, o indivíduo que um dia é aluno pode um dia se tornar pesquisador já com as experiências no processo científico. A Figura 3 indica as principais iniciativas propostas neste artigo, na busca por suplantar os problemas e as fragilidades para o desenvolvimento científico na área de administração.

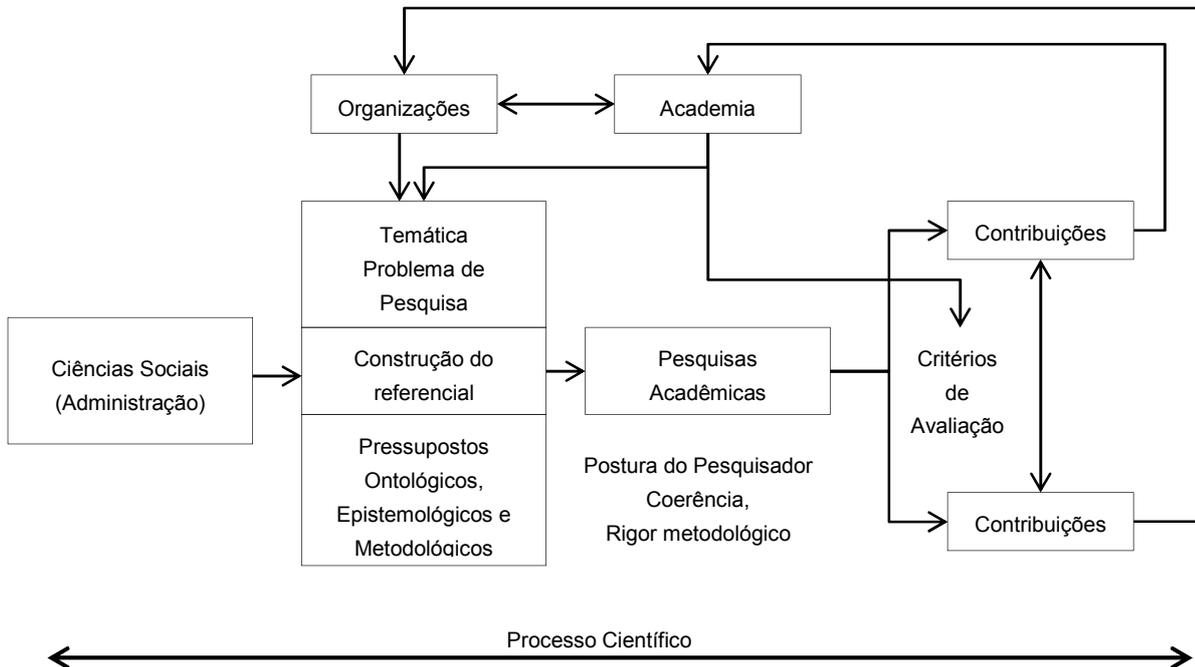
Figura 3 - Iniciativas para desenvolver o processo científico na área de administração



Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.

Salienta-se a necessidade de investir no elemento humano para ser atuante no processo de desenvolvimento do conhecimento científico. A formação do pesquisador em administração, desde a graduação, passa pela elaboração de estudos com rigor metodológico a partir da coerência ontológica-epistemológica o que pode levar à ampliação paradigmática e propiciar estudos com características interpretativas, explicativas não se limitando à pura descrição da realidade. Os grupos de pesquisas nas universidades, constituindo-se de pesquisadores, professores, alunos e praticantes, a partir de um alinhamento entre teoria e prática, podem ampliar pesquisas teórico-empíricas, produzir estudos de referência local e incentivar que novos alunos possam vir a dar continuidade aos estudos anteriores colaborando na ampliação do conhecimento científico. Propõe-se aqui que não se espere que a produção científica seja iniciada nos programas de pós-graduação, mas sim antecipar e investir na formação do pesquisador como elemento importante da graduação em administração, conforme processo científico delineado na Figura 4.

Figura 4 - Processo científico na área de administração



Fonte: Elaborada pelo autor, 2014.

Formar e despertar o interesse científico de futuros pesquisadores nas diversas áreas de conhecimento da administração passa a ser um desafio já na graduação, pois o problema da “cabeça bem feita” pode realçar a limitação da “cabeça cheia” (MORIN, 2003) incapaz de receber “o novo”, reativa e resistente à crítica, que a distancia da busca pela verdade, objetivo primordial de qualquer ciência. Conforme os problemas vão sendo descobertos a capacidade de se manter à distância, aberto e flexível na busca de solucionar tais problemas se materializam em competências relevantes a todos os atores participantes do processo científico no campo da administração.

A formação e o ensino dos profissionais da área de administração sem um preparo adequado para a prática do pensar, refletir, questionar, pesquisar se tornam ações cada vez mais descompassadas, inviabilizando um processo cíclico, autoalimentado e fundamentalmente crítico e fecundo.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. A formação do espírito científico. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996
- BERTERO, C. O.; CALDAS, M. P.; WOOD JR, T. Produção científica em administração de empresas: provocações, insinuações e contribuições para um debate local. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 3, n. 1, p. 147-178, jan./abr.1999.
- BERTERO, C. O.; KEINERT, T. M. M. A evolução da análise organizacional no Brasil (1961-93). *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 81-90, maio/jun. 1994.
- BERTERO, C. O.; VASCONCELOS, F. C.; BINDER, M. P. Estratégia empresarial: a produção científica brasileira entre 1991 e 2002. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 48-63, out./dez. 2003.
- BRONOWSKI, J. *Ciência e Valores Humanos (Col. O Homem e a Ciência)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1980.
- BUNGE, M. *Ciência e Desenvolvimento (Col. O Homem e a Ciência)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1980.
- CALDAS, M. P.; TONELLI, M. J.; LACOMBE, B. M. B. Espelho, espelho meu: meta-estudo da produção científica em recursos humanos nos Enanpads da década de 90. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 26, 2002, Salvador. Anais... Salvador: Anpad, 2002.
- CAMARGOS, M. A.; COUTINHO, E. S.; AMARAL, H. F. O perfil da área de finanças do Enanpad: um levantamento da produção científica e de suas tendências entre 2000-2004. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 29, 2005, Brasília. Anais... Brasília: Anpad, 2005.
- CARDOSO, R. L.; MENDONÇA NETO, O. R.; SAKATA, M. C. G. Pesquisa científica em contabilidade entre 1990 e 2003. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 34-45, abr./jun. 2005.
- CHALMERS, A. F. *O que é ciência afinal?* São Paulo: Brasiliense, 1993.
- FLEURY, S. et al. *Análise do perfil dos artigos publicados na Revista de Administração Pública — RAP — no período 1992-2002*. Rio de Janeiro: Eaes/FGV, 2003.
- FOUREZ, G. *A Construção das Ciências: uma introdução à filosofia e a ética das ciências*. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.
- FROEMMING, L. M. S. et al. Inventário de artigos científicos na área de marketing no Brasil. *Revista de Administração Contemporânea*, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 159-173, mai./ago. 2000a.
- FROEMMING, L. M. S. et al. Análise da qualidade dos artigos científicos da área de marketing do Brasil: as pesquisas Survey na década de 90. *Revista de Administração Contemporânea*, Curitiba, v. 4, n. 3, p. 201-219, set./dez. 2000b.
- HOCAYEN-DA-SILVA, A. J.; ROSSONI, L.; FERREIRA Jr., I. *Administração Pública e Gestão Social: A Produção Científica Brasileira entre 2000 e 2005*. *Revista de Administração Pública*, v. 42, n. 4, p. 655-680, jul./ago. 2008.
- HOPPEN, N.; MEIRELLES, F. S. Sistemas de informação: um panorama da pesquisa científica entre 1990 e 2003. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 24-35, jan./mar. 2005.
- HOPPEN, N. et al. Sistemas de informação no Brasil: uma análise dos artigos científicos dos anos 90. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 22, 1998, Foz do Iguaçu. Anais... Foz do Iguaçu: Anpad, 1998.
- JAPIASSU, H. *Questões Epistemológicas*. Rio de Janeiro: Imago, 1981.
- KEINERT, T. M. M. O que é administração pública no Brasil? In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 24, 2000, Florianópolis. Anais... Florianópolis: Anpad, 2000.
- KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectivas, 2006.
- KUHN, T. S. *Lógica da Descoberta ou Psicologia da Pesquisa?* In.: LAKATOS, I; MUSGRAVE, A. *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento: quarto volume das atas do Colóqui Internacional sobre filosofia da ciência, realizado em Londres em 1965*. São Paulo: Cultrix, 5-32 p., 1979.
- LAKATOS, I; MUSGRAVE, A. *A crítica e o desenvolvimento do conhecimento*. Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- LEAL, R. P. C.; OLIVEIRA, J.; SOLURI, A. F. Perfil da pesquisa em finanças no Brasil. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 91-104, jan./mar. 2003.

MACHADO-DA-SILVA, C. L.; CUNHA, V. C.; AMBONI, N. Organizações: o estado da arte da produção acadêmica no Brasil. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 14, 1990, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Anpad, 1990.

MARIZ, L. A. et al. O reinado dos estudos de caso em teoria das organizações: imprecisões e alternativas. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 3, 2004, Atibaia. Anais... Atibaia: Anpad, 2004.

MORGAN, G. Paradigmas, metáforas e resolução de quebra-cabeças na teoria das organizações. In: CALDAS, M.P.; BERTERO, C.O. (Ed.). Teoria das Organizações. São Paulo: Atlas, p. 12-33, 2007.

MORGAN, G.; SMIRCICH, L. The Case for Qualitative Research. *Academy of Management Review*, v. 5, p. 491-500, 1980.

MORIN, E. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, E. Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PACHECO, R. S. Administração pública nas revistas especializadas — Brasil, 1995-2002. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 63-71, out./dez. 2003.

PFEFFER, J. Barriers to the advance of organizational science: paradigm development as a dependent variable. *Academy of Management Review*, v. 18, n. 4, p. 599-620, 1993.

POPPER, K. Conhecimento objetivo: uma abordagem evolucionária. São Paulo: Editora da USP, 1975.

POPPER, K. A Ciência Normal e seus Perigos. In: LAKATOS, I; MUSGRAVE, A. A crítica e o desenvolvimento do conhecimento: quarto volume das atas do Colóqui Internacional sobre filosofia da ciência, realizado em Londres em 1965. São Paulo: Cultrix, 1979. p. 63-72.

RODRIGUES, S. B.; CARRIERI, A. P. A tradição anglo-saxônica nos estudos organizacionais brasileiros. *Revista de Administração Contemporânea*, Curitiba, p. 81-102, edição especial, 2001.

ROSSONI, L.; FERREIRA Jr., I.; HOCAYEN-DA-SILVA, A. J. Administração de ciência e tecnologia: a produção científica brasileira entre 2000 e 2005. In: SIMPÓSIO DE GESTÃO DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA, 24, 2006, Gramado. Anais... Gramado: Anpad, 2006.

SILVA, A. B. da; GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R. Pesquisa Qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos. São Paulo: Saraiva, 2006.

TONELLI, M.; CALDAS, M. P.; LACOMBE, B.; TINOCO, T. Produção acadêmica em Recursos Humanos no Brasil: 1991-2000. *Revista de Administração de Empresas*, v. 43, n. 1, p. 105-122, 2003.

VERGARA, S. C.; CARVALHO JR., D. S. Nacionalidade dos autores referenciados na literatura brasileira sobre organizações. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 19., 1995, João Pessoa. Anais... João Pessoa: Anpad, 1995.

VERGARA, S. C.; PINTO, M. C. S. Nacionalidade das referências teóricas em análise organizacional: um estudo das nacionalidades dos autores referenciados na literatura brasileira. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 1, 2000, Curitiba. Anais... Curitiba: Anpad, 2000.

VIEIRA, F. G. D. Ações empresariais e prioridades de pesquisa em marketing: tendências no Brasil e no mundo segundo a percepção dos acadêmicos brasileiros. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 23, 1999, Foz do Iguaçu. Anais... Foz do Iguaçu: Anpad, 1999.

VIEIRA, F. G. D. Por quem os sinos dobram? uma análise da publicação científica na área de marketing do Enanpad. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 22, 1998, Foz do Iguaçu. Anais... Foz do Iguaçu: Anpad, 1998.

VIEIRA, F. G. D.. Ações empresariais e prioridades de pesquisa em marketing: tendências no Brasil e no mundo segundo a percepção dos acadêmicos brasileiros. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 23., 1999, Foz do Iguaçu. Anais... Foz do Iguaçu: Anpad, 1999.

VIEIRA, F. G. D.. Narciso sem espelho: a publicação brasileira de marketing. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 81-90, jan./mar. 2003.

VIEIRA, F. G. D.. Panorama acadêmico científico e temáticas de estudos de marketing no Brasil. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 24., 2000, Florianópolis. Anais... Florianópolis: Anpad, 2000.